

O TRATAMENTO DE “VOCE” NO BRASIL

O vocabulo *você* representa contração o da locução substantiva *vossa mercê*, formula de tratamento originariamente aplicada a reis.

Curiosa e unica a historia deste tratamento.

Degradou-se, fonetica e semanticamente, a tal ponto que mutilou extraordinariamente a sua forma e, de tratamento real, pronominalizando-se, chegou a tratamento empregado com inferiores.

Sim, pois hoje em dia, embora *você* se empregue de igual para igual, é usado com pessoas de condição inferior e muitas vezes pejorativamente, para indicar que a pessoa a quem se dirige a fala, não merece o tratamento de *Sr.*

Tem tambem valor afetivo. Num conjunto, trata-se de *Sr.* aquele de quem se quer guardar distancia e de *você* aquele a quem se quer dar uma prova de estima.

Como teria surgido o tratamento de *vossa mercê*?

O assunto já tem sido elucidado por grandes mestres.

“Entre as qualidades atribuidas aos reinantes, figurava naturalmente a de recompensar os que lhes prestavam bons serviços e a essa recompensa ou paga dava-se e dá-se ainda o nome de *mercede* ou *mercê*. Assim, como é sabido, eram tratados os reis entre nós ainda no seculo XIV, como consta dos documentos do tempo. Semelhante tratamento estendeu-se depois a outra pessoas, a principio talvez aos poderosos, os que, depois dos monarcas, mais no caso estavam de recompensar, e, em seguida, por tal forma se vulgarizou que, por andar na boca de toda a gente, se transformou de *vossa mercê* em *vossemecê*, *vo-mecê* e até *você*, em que apenas as silabas acentuadas das duas palavras se salvaram”. (J. J. Dunes, *Digressões lexicologicas*, 72).

“Aos reis de Portugal falou-se a principio por *vós*, secundado mui-

tas vezes pelo vocativo *Senhor*. A este tratamento ajuntou-se *vossa mercê*, apelo a um predicado de monarca e linguagem que afagava a sua vaidade e amor proprio. Os suditos, dependentes sempre da mercê ou graça do príncipe, apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual *vós*. Sabiamente pediam *por mercê* e punham frequentemente *vossa mercê* por *vós*, referindo-se, não à pessoa do soberano, e sim à graça e favor que dele dimanava.

Favor, graça, mercê nascem da inclinação benevolente da vontade e arbitrio do príncipe. Confundemse muitas vezes as noções de causa e efeito. Mercê denota ora o ato de bem fazer, ora a vontade de quem o practica. A pena de degredo por tempo indeterminado vem expressa nas Ordenações do Reino já por *até nossa mercê*, já por *enquanto fór nossa mercê*. Nos artigos requeridos a el-rei D. João I declaram os fidalgos e vassallos:

“Outro sy, Senhor, os vossos Fidalgos e vossos naturaes dos vossos Regnos fazem saber a a Vossa Mercee que elles recebem grande agravo dos Vossos Rendeiros das vossas imposições que vos poedes pela guisa que vossa Mercee he”.

“... e muitos destes, Senhor, acharedes que mais lhe levam e levaram per esta guisa do que elles ham, nem averam da conthia nem das mercees, que lhes vós fazedes, se vossa Mercee nom for de o temperar d outra guisa: porque senhor, vos pedem por mercee que vos lembreis delle”.

Dessas confusões e oscilações de sentido se infere que no seculo XIV *vossa mercê* ainda não chegara a cristalizar-se em expressão pronominal. A noção de acatamento e reverencia continuava focalizada nos pronomes *vós*, *vosso* e verbo na 2ª pessoa do plural.

Passou mais tarde *vossa mercê* a ser titulo honorifico com o verbo naturalmente na 3ª do singular, perdurando, todavia, por costume ou etiqueta, a par dessa linguagem o tratamento *vós* e formas decorrentes.

O valor de *vossa mercê* como titulo baixou para a Coroa quando fidalgos e fidalgotes começaram a aceitar e exigir igual tratamento dos seus criados e subalternos. Desde então fala-se a el-rei somente por *senhoria*, imitação do italiano, e que já corria parelhas com *mercê*.

Quando se começou a dar *senhoria* ao rei de preferencia a *mercê*, o titulo que para a sua pessoa se escurecia era alfaia preciosa ainda para ser adjudicada por vassallos e fidalgos que a fortuna ou o nas-

cimento colocavam acima do vulgo. O simples *vós* não distinguia o respeito devido a nobre ou rustico.

O calculo falhou. *Vossa mercê* agradava a todo o mundo. A classe humilde não tardou em apoderar-se da formula nova para uso proprio, más sendo expressão um tanto longa e tendo de ser repetida a cada instante, a gente do povo abreviou-a em *vossancê*, *vossemecê*, *vossecê* e finalmente *você*. A fidalguia repelia tudo isso, exigindo que para com ela se articulasse *vossa mercê* integralmente.

Foi um mal deploravel essa caprichosa exigencia. Privou a lingua portuguesa de um pronome de polidez comodo e de uso geral a semelhança do esp. *usted*, redução de *vuestra merced*". (Said Ali, *De "eu" e "tu" a "Majestade"*, in *Revista de Cultura*, CXXIX).

Arnaldo Gama, numa nota do seu romance *Um motim ha cem anos*, pág. 418, nos dá preciosa informação:

"Foi pouco mais ou menos pelos meados do seculo XVIII que o *dom* e *senhoria* principiou a generalizar-se pelas damas da burguesia ou classe media. As fidalgas começaram então a usar da *excelencia*. Desde essa epoca principiou tambem a ser cortesia tratar por *senhoria* os fidalgos; a *mercê* ficou pertencendo exclusivamente aos burgueses"

Nos começos do seculo XIX o velho Morais ainda dizia que *mercê* era o tratamento que se dava em cortesia às pessoas que não tinham *senhoria* e a quem não se trata por *tu* ou *vós*.

No curso do seculo XIX o tratamento desapareceu da linguagem corrente. Quando pouco mais ou menos?

E'dificil responder.

Só fazendo uma batida especial nos nossos autores se poderá chegar a um resultado certo.

No estilo oficial perdurou até 1889, ano da proclamação da republica.

A resolução de 2 de agosto de 1842 e o aviso de 3 dos mesmos mês e ano o atribuiam aos coroneis, tenentes-coroneis, majores, capitães, tenentes e alferes.

O uso constante trouxe à expressão *vossa mercê* duas alterações primordiais, mais tarde seguidas de outras: a enclise fez desaparecer o *a* do pronome e o *r* foi absorvido pelo som seguinte (cfr. *persona-pessoa*). *Vossa mercê* se tran formou em *vossemecê*. De *vossemecê* se passou a *vosmecê* e desta forma por intermedio das formas hipoteticas *vosm'cê* e *voscê*, se fez *você*, que ainda se alterou para *ocê* e finalmente para *cê*.

o Brasil o *o* de *você* é fechado e não aberto, como em Portugal. Leite de Vasconcelos estabelece uma cadeia diferente na *Esquisse*

d'une dialectologie portugaise, 129, e no *Dialecto brasileiro*, §18; *vossemecê, vòmecê, vōce, vòce*.

J. Cornu, *Grammatik der portugiesischen Sprache*, §74, nota, parece aceitar esta cadeia. Aliás, no § 108, nota, dá a entender que a forma se explica "durch die gewöhnlichen Lautgesetze".

De quando data a palavra *você* no Brasil?

Por falta de estudos cronológicos, a questão é tão difícil no Brasil como em Portugal.

Em todo o caso, pode-se afirmar com segurança que já existia nos fins do século XVIII.

Lereno a emprega na cantiga *Amor não é brinco*:

Você trata 'amor em brinco.
Amor o fará chorar.
Veja lá com quem se mete,
Que não é para zombar.

Neuhuma palavra portuguesa, diz José Verissimo, *As populações indígenas e mestiças da Amazonia*, pg. 327, sofreu talvez tantas e tão profundas modificações no Brasil como o tratamento de *Vossa-mercê*. Nas provincias extremas do Sul, como Rio Grande, Paraná e S. Paulo fez-se *mecê*; nas do centro, Rio, Pernambuco até Ceará, *vosmincê, vossuncê, voncê*; na região amazonica as populações naturais fizeram dela *vassuncê, vancê e vace*.

Em todas estas mutilações o acento tonico resistiu.

"A força conservadora do acento, diz J. J. Nunes, *Gramatica historica*, 32, revela-se tanto melhor quanto mais ga ta a palavra está pelo uso constante que dela se tem feito, como sucede com o moderno *você*, atual representante da antiga forma de tratamento *vossa mercê*, na qual as vogais tonicadas eram, como ainda hoje, *o e e*".

O mesmo J. J. Nunes, na pg. 253 da mesma obra, salienta que no pronome *vossa* a proclise influuiu de tal maneira que fez com que se perdesse a sílaba final.

Amado Alonso, em "Las abreviaciones de *señor, señora* en fórmulas de tratamiento (Problemas de dialectología hispanoamericana)", explica essa mutilação trazida pela proclise:

"En toda nuestra lengua se observa una excepcional debilitación articulatória en los proclíticos de las fórmulas de tratamiento: *vuestra merced* > *usted*, *vuestra señoría* > *usía*. Esa debilidad articulatória es mayor que en las sílabas protónicas de cualquier palabra en otras condiciones (*vecindád, aparejár*, etc.), y es mayor asimismo que en los pronombres, preposiciones y conjunciones de uso procliti-

co, porque en estos casos las sílabas inacentuadas tienen valor de signo, nocional, mientras que, en las fórmulas de tratamiento, los proclíticos *señora*, *señor*, ni integran el signo *Juana* o *Juan*, ni tienen el valor relacionante o funcional que reconocemos en preposiciones o conjunciones. No son más que un gesto ritual de cortesía que se vá esquematizando cada vez más".

As alterações que no seu curso *vossa mercê* e seus derivados sofreram são de varia natureza:

sincopes — na forma hipotética *voss'm'cê*.

atereses — *mecê*, *ocê*, *cê*, *suncê*, *sucê*.

permutas — *vassuncê*, *vancê*, *vacê*

nasalações — *vosmincê*.

O tratamento deturpou-se dando as seguintes formas:

Cê. Aparece numa frase típica do linguajar da malaudragem. Quando um malandro se lembra de ameaçar outro, este responde: *Cê é besta*. Existe em Goiás: *Seu moço, cê vai arretiranu./Eu não queru mais lhi vê*. (folclore, *apud* José A. Teixeira, *Estudos de dialectologia portuguesa-A linguagem de Goiás*, 98). Forma aferética de *ocê*.

Mecê. Existe em S. Paulo; Saint-Hilaire, *Voyage à la province de Saint-Paul*, já havia notado. *Mecê é gabola . . .* (M. Lobato, *Contos pesados*, 68). *Mecê vai ver*. (M. Lobato, *Contos leves*, 52). Existe em Minas: *Mecê não se alembra dele?* (Lucio Cardoso, *Maleita*, 56). Forma aferética de *vosmecê*.

Mincê. Forma aferética de *vosmincê*. Existe no nordeste. Abonação em Joel Presidio, artigo *Inspirando travadores*, no "Correio da Manhã" de 15-10-44, pg. 12.

Ocê. Forma aferética de *você*, atribuída aos negros (Serafim Silva eto, *Capítulos de historia da lingua portuguesa no Brasil*, 60). Eu a ouvi em Minas Gerais. Existe em Goiás. *Sai daqui, seu fede, fede./Vai feder na mocetura./Quando ocê em vida fede,/Quem dirá na sepultura?* (Do folclore, *apud* A. Americano do Brasil, *Cancioneiro do Brasil Central*, 79). Aparece alternando com *cê*: *Meu mano, meu camarada,/Tudo no mundo é assim:/Comigo ocê fala de outros./C'outros cê fala de mim*. (do folclore, *apud* Ronald de Carvalho, artigo *Um seculo de pensamento*, in "Dom Casmurro" de 1-7-39, pg. 2).

Oncê. Forma aferética de *vonce*. Existe em Goiás: *Once não me conhece./Eu te dou a conhecê:/Eu chamo mundê armado./Quando dispara, pegou*. (A. Americano do Brasil. *Cancioneiro do Brasil Central*, pg. 265).

Sucé. Forma aferetica e denasalada de *vassunce*. *Sucé tá com presa que eu vá oló?* (Freitas, *Umbanda* 67). No Rio de Janeiro.

Suncé. Forma aferetica de *vassunce*. Existe em S. Paulo. *Sinhá disse assim p'ra suncé comprar tres carreteis...* (M. Lobato, *Contos pesados*, 123).

Vacé. Simple corruptela de *voce*. Aparece na Amazonia (José Verissimo, *loc. cit.*), no Rio Grande do Sul: *Eu quero que vacé case c'a Maroca...* (Eurico Aquino, *Gauchos*, 53, *apud* Elpidio Ferreira Paes. *Aspectos da fonetica riograndense*, in "Anais do Primeiro Congresso de Lingua Nacional Cantada").

Vainicé. Forma muito deturpada de um possivel *vamece*. Forma empregada no interior de Pernambuco, para distinguir o tratamento cerimonioso do familiar. (Fernando de Oliveira Mota, *Aspectos linguisticos do nordeste*, pg. 38).

Vancé. Existe no Rio Grande do Sul (Roque Callage, *Vocabulario gaúcho*). *Vancé pare um bocadinho*; (Simões Lopes, *Contos gauchescos*, 188). Deve existir em S. Paulo; Viotti, *Dicionario da gíria brasileira*, dá como fazendo parte do linguajar dos capiaus. Existe em Goiás (José A. Teixeira, *Linguagem de Goiás*, 98). *Oncé diz não me conhece./Eu te dou a conhecê:/Eu me chamo Juca Mole./Coitadinho de vancé*. (A. Americano do Brasil, *Cancioneiro do Brasil Central*, 265). Existe na Amazonia (J. Verissimo, *loc. cit.*).

Vansmincé. Dificil de explicar com esta dupla nasalização. Margens do rio Real (Baía e Sergipe). *Vansmincés vamo, que a maré é pequena e está de vasante*. (E. Ramos, *Retalhos e bisalhos*, 155).

Vassuncé. Existe na Amazonia (J. Verissimo, *loc. cit.*). Em S. Paulo. *Vassuncé escreveu este bilhete a Laurinha...* (M. Lobato, *Contos pesados*, 306). Em Mato Gros o. *Se vassuncé frechar diritinho assim...* (Taunay, *Inocencia*, 14).

Voncé. Existe em Goiás (J. A. Teixeira, *Linguagem de Goiás*, 98). Osorio Duque-Estrada, *O Norte*, pg. 298, dá uma quadra do folclore paulista a qual começa: *Voncé me chamou de feio...*

Vosmecé. Existe na Baía. *Vosmece o que tem, eu Joel?* (X. Marques, *Praieiros*, 112). Em Pernambuco. *Ninguém saberá o que vosmecé acaba de contar...* (F. Tavora, *O matuto*, 132). Em Alagoas. V. Jorge de Lima, *Calunga*, 29). Em S. Paulo. *Não é para gabar, mas vosmecé disse...* (M. Lobato, *Contos pesados*, 64).

Vossemecé. No nordeste. Tome sentido: *vossemesé não me apa como este tição*. (A. Peixoto, *Sinhazinha*, 50).

Vossemecé. No nordeste. Tome sentido: *vossemesé não me aparece...* (A. Caminha, *A normalista*, 28). Jorge de Lima, *Calunga*, 52.

Em Minas. *Pelo que se vê vossemecê chegou hoje*. (L. Cardoso, *Maleita*, 21). Em S. Paulo, *Sim, mas então conte também o que vossemecê fez*. (L. Vaz, *O professor Jeremias*, 50). Esta forma é um tanto pejorativa. Dá um ar protetor a quem a emprega, indica que se quer guardar distancia.

Vossuncê. Em criança ouvi esta forma da boca de um preto velho cuja proveniencia hoje me é difícil indicar. Artur Azevedo, *Contos fora da moda*, 50, abona: *Eh! eh! meu amo, é vossuncê que é dono da casa?* Fala uma preta cozinheira

Leite de Vasconcelos, *Dialeto brasileiro*, §18, procurou explicar estas variações com quatro formas fundamentais:

Vossemecê, que teria dado **voss'micê*, *vosmicê*, e *vomecê* (que existe na Madeira; v. Revista de Portugal, XXXVII, 63), *vom'cê*, *võcê*;

**vassemecê*, que teria dado **vamecê*, *vam'ce*, donde *vãce* e *vace*;

**vossumecê*, depois **vossum'cê*, *vossucê*;

**vassumecê*, donde **vassum'cê* e daí *vassuce*.

A localização exata dessas variantes é impossível atualmente. Só quando tivermos a *Atlas Linguístico do Brasil* poderemos chegar a um resultado definitivo. Todavia aí ficou uma tentativa.

E'bem possível que ainda haja outras.

Como fecho deste estudo, vale a pena comparar a evolução, no espanhol, da locução correspondente à portuguesa.

Em nota ao Nº 252 da *Gramática castellana* de Andrés Bello, diz Rufino J. Cuervo:

"Es curiosa la variedad de formas que, primero en lenguaje vulgar y después en el familiar, asumieron casi simultáneamente a fines del siglo XVI y principios del siguiente las dos combinaciones *vuestra merced* y *vuesa merced*, y las fusiones que de las dos familias se hicieron. Pónelas de manifiesto el siguiente cuadro, cuyos comprobantes omito aquí en obsequio de la brevedad:

Vuestra merced		Vuesa merced	
Vuested		Vuesa erce	{ Vuesancé
Usted		{ Usarced	{ Usancé
		{ Usarced	
		{ Vuarced	
		{ Voarced	
		{ Voaced	
		Oaced	
		{ Vuced	
		{ Uced	
		{ Océ	

Formas mixtas o fusiones

Vuesasted	vuesarced	usted.
Usasted	usarced	usted.
Vuesasced	vuesasted	vuesarced.
Vuesansté	vuesancé	usasted.
Vuesamesté	vuesamerced	usté, vuesasté.

Notem-se as forma *vuced* e *océ*, analogas a formas brasileiras.

Aparecem ainda as formas *buzé*, *vucé*, abonadas por José Plá Cárceles, in *Revista de Filología Española*, X, 262.

Nas transformações desta locução, como em tantos outros pontos, as gêmeas entre as línguas románicas muito se parecem.

ANTENOR NASCENTES.